

O Seminário de Olinda segundo a historiografia

FRANCISCO ADEGILDO FÉRRER*

Este trabalho de pesquisa faz uma incursão, uma leitura e uma tentativa de análise da produção historiográfica, fartamente divulgada em que se tratam de questões pertinentes ao **Seminário de Olinda**. Pretende-se analisar essas formas de abordagem e suas conclusões. Ressaltamos também algumas interpretações consensuais que estão a necessitar de explicações complementares. Essas interpretações, inseridas nas obras em estudo, dão margem a diferentes interpretações.

É um trabalho descritivo e, como tal, inicia-se pela apresentação dos conteúdos das obras em estudo, passando pela análise de monografias acadêmicas e encerrando-se com a exposição das interpretações emitidas por seus autores.

Nem sempre todas as obras, que tratam da História da Educação no Brasil deram uma maior atenção ao Seminário de Olinda. Percebe-se, ao se analisar a produção historiográfica de autores brasileiros, uma certa tendência de se ignorar este estabelecimento de ensino.

José Ricardo Pires de Almeida, autor da *primeira história sistematizada da educação brasileira*, nada diz acerca do colégio olindense. Registra, apenas algumas notas acerca da vida do seu fundador, informando que *D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Elvas*, é uma figura que se pode destacar *entre os homens instruídos, sábios, eruditos, dos quais o Brasil se orgulha ainda hoje*; informando ainda que ele é formado na Universidade de Coimbra. Afrânio Peixoto, em sua obra *História da Instrução Pública no Brasil - 1500/1899* (São Paulo, 1989) apenas o cita em sua obra.

* Professor Doutor em História e Filosofia da Educação/USP.

Primitivo Moacyr, frequentemente detalhista e minucioso, se restringiu a informar o ano da criação da escola: “Em 1798, é criado, em Olinda, o Seminário pelo bispo D. Azeredo Coutinho.” E o certo é que o Seminário de Olinda, desde a sua fundação, em 1800, exerceu poderosa influência na formação intelectual no norte do Brasil. Era o curso secundário mais completo do país. Acolhia elevado número de alunos, não só os que se destinavam ao sacerdócio, como ainda todos quantos não podiam ir a Coimbra fazer os seus estudos.

A filosofia em voga em suas cadeiras era a cartesiana, a ponto do Seminário se converter em ninho de idéias liberais e adotar como evangelho político a doutrina dos filósofos do século 18. Mais que as ciências eclesiásticas eram divulgados os episódios da Revolução francesa, partindo daquele núcleo intelectual o gosto pelas idéias renovadoras, à época consideradas *subversivas*, cujos adeptos passaram a organizar academias secretas...

Alguns manuais contemporâneos também se incluem entre os que omitem informações sobre o colégio pernambucano¹. A tendência, presentemente, é inversa. O Seminário de Olinda ganha progressivo relevo, nos textos dos compêndios, à medida que avançam as investigações, que se publicam a respeito ou se recuperam documentos essenciais à compreensão histórica das idéias e instituições educacionais brasileiras. Em especial, essa nova compreensão deve-se à “redescoberta” dos *Estatutos* daquela escola e da publicação de *Obras econômicas de J. J. da Cunha Azeredo Coutinho*. As investigações de Luiz Antônio Cunha, de Maria Beatriz Nizza da Silva, de Leonardo Trevisan, de Elpídio M. Cardoso, de Severino Leite Nogueira, assim como alguns escritos que delas decorreram, como é o caso do artigo, publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, pelo pesquisador Francisco Adegildo Férrer.²

Três ordens de considerações estão presentes nestas obras, quando se analisa o Seminário. A primeira delas se refere à estrutura do

¹ Veja, por exemplo, FERREIRA, Tito Livio. *História da educação luso brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1966 e LIMA, Lauro de Oliveira, *Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho*. Brasília: 1974 e BERGER, Manfredo. *Educação e dependência*. São Paulo: DIFEL. Porto Alegre: URGs, 1976.

² *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, v. 109, Fortaleza, Ceará: 1995, p. 365- 378.

ensino, que envolve os aspectos de organização curricular, de divisão do trabalho docente e de relação entre professor e aluno. A segunda delas se relaciona a curiosidades históricas acerca do funcionamento da escola. E, finalmente, a terceira, correspondente à vinculação do estabelecimento de ensino às idéias vigentes no século XVIII e início do século XIX.

Tomando-se como exemplos as obras de Fernando Azevedo³ (1976), é possível verificar que todas sempre evidenciam aspectos da estrutura do ensino, assim como fazem registros de curiosidades ligadas ao funcionamento do Seminário; há uma preocupação de todos, em fazer a vinculação da escola, direta ou indiretamente, às reformas pombalinas da instrução pública. Valnir Chagas, Fernando de Azevedo e José Antonio Tobias são os únicos que avançam mais, relacionando aquele estabelecimento de ensino a movimentos ideológicos e idéias filosóficas que agitaram Portugal e a Europa. São nomeados, explicitamente, o Iluminismo, o enciclopedismo, a filosofia de Descartes, as idéias liberais, os ideais republicanos e democráticos do século XVIII, o despotismo esclarecido e a reação antijesuítica.

Para ilustrar, com maior riqueza de detalhes, Fernando de Azevedo realça a organização curricular do Seminário de Olinda em função da “importância dada, no plano de estudos, ao ensino das matemáticas e das ciências físicas e naturais”, matérias novas que se acrescentaram “ao lado das (...) que constituíam o currículo tradicional”. Ribeiro (1978) reconhece, igualmente, que o colégio “dava maior atenção às matemáticas e às ciências naturais”; enquanto Silva (1969) destaca tanto a organização das ciências naturais “e dos estudos clássicos num currículo unificado”, como “a divisão do trabalho docente entre vários professores e a reunião de alunos em classes ou séries de estudos”. Para Tobias (1982), Coutinho elaborou um plano de estudos que “conservava (...) a tradicional educação brasileira, literária e jesuítica, acrescentando-lhe, porém, um elemento novo, científico e pombalino”. Chagas (1978) se refere à “estrutura bem definida” do Seminário, que incluía “um plano articulado de ensino”. Em oposição às aulas ré-

³ Para mais esclarecimentos, ver : AZEVEDO, Fernando de. “A transmissão da cultura”. In: *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Brasília, INL, 1976, principalmente as páginas 66/76.

gias, constata na escola olindense a existência de “ordenação lógica e gradual das disciplinas, duração prefixada dos cursos e reunião dos estudantes em classes”.

Ele reitera, também, a informação de que o currículo do Seminário ligava “o clássico ao moderno”.

Dos compêndios, ora tomados como objetos de estudo, o de Fernando de Azevedo, ao longo de quatro páginas, é o mais copioso em considerações. Em seguida, aparecem os de José Antonio Tobias, com três, e de Valnir Chagas, com duas páginas. Geraldo Bastos Silva redige um período que não chega a tomar meia página, enquanto Maria Luisa Santos Ribeiro emite suas idéias acerca do Seminário de Olinda numa nota de rodapé.

Para Chagas (1978), o “clássico”, parte corresponde ao conteúdo do currículo denominado de “tradicional” por Fernando de Azevedo, por Geraldo Bastos Silva e por José Antonio Tobias, seria representado, basicamente, pela gramática, retórica, filosofia e teologia. Já o “moderno”, o “novo”, se expressaria, fundamentalmente, na física, na química e na história natural, ainda desenvolvidas dentro da filosofia, bem como na geometria – abrangendo a aritmética, a geometria propriamente dita, a trigonometria e a álgebra – e no desenho.

Quanto ao fim perseguido pela sua organização curricular, as informações dos autores nem sempre são explícitas, mas são convergentes. Para Chagas (1978), tal currículo visava ao “preparo ‘de um bom cidadão e de um indagador da natureza’ que aprenda a ‘procurar a verdade nas suas fontes’”. Os instrumentos dessa procura seriam a observação direta e a experiência. Fernando de Azevedo, nesse aspecto, repete Oliveira Lima e Gilberto Freyre, mas, como as citações de ambos são reiterativas, registra-se somente a do primeiro, segundo o qual o bispo de Olinda “visava a formar no Seminário que fundava com certo luxo de ensino das ciências naturais, – cadeiras de física, química, mineralogia, botânica e desenho –, gerações de párocos-exploradores, os quais há um tempo pastoreassem as almas e devassassem as riquezas vegetais e minerais de suas freguesias, podendo compreender os descobrimentos que fizessem e sabendo tirar deles proveito”. Maria Luiza Santos Ribeiro entende que o Seminário formou “párocos mais voltados para o ambiente urbano e para os métodos exploratórios de investigação na natureza”.

A propósito da relação entre professor/aluno, os comentários destes pesquisadores também não apresentam divergências. Azevedo (1976) destaca as novas tendências pedagógicas, refletidas dentro do Seminário de Olinda “no ambiente liberal que nele se criou”.

Ribeiro (1978) afirma que a escola “empregava métodos mais suaves”. Chagas (1978) realça o “relacionamento mais vivo e cordial entre mestre e discípulo”. Tobias (1982) por fim, associa Azeredo Coutinho a Comênio, por entender “Notável a pedagogia humana e compreensiva do inteligente bispo; exigia compreensão para com o educando e tratamento humano para com a criança”.

Já as curiosidades históricas, frequentemente referidas pelos pesquisadores, em suas obras, servem para ilustrar e enriquecer os registros acerca do Seminário de Olinda. São de dois tipos. O primeiro, repetido com insistência, faz a vinculação do colégio com a revolução liberal pernambucana de 1817. Fernando de Azevedo, na mesma trilha de Lima (1974) afirma que a escola influenciou “no preparo e na direção da revolução pernambucana de 1817”. José Antonio Tobias também reconhece a existência de “ligação, direta e fecunda, do Seminário de Olinda com a Revolução Pernambucana, de 1817”. Ribeiro (1978) vincula, não o estabelecimento de ensino, mas os párocos, por ele formados, à revolução. Valnir Chagas fala de uma contribuição indireta do Seminário para a eclosão desse movimento liberal.

O segundo tipo de curiosidades históricas é expresso pelo próprio conteúdo das citações de outros estudiosos ou pelas referências indiretas de suas idéias. Não acrescenta novidades, pois só reforça juízos emitidos pelas fontes exploradas. Em Fernando de Azevedo as citações são abundantes. Além das já referidas, retiradas de obras de Gilberto Freyre e de Oliveira Lima⁴, e de Capistrano de Abreu. Todos comparam o Seminário “a um Liceu francês dos departamentais”. Conclui-se que “sem Azevedo Coutinho não surgiria a geração idealista de 1817”. Gilberto Freyre e Oliveira Lima são citados em oportunidades que não as já descritas: o primeiro, para contrapor o educandário pernambucano

⁴ A interpretação de Oliveira Lima é a seguinte: “*A independência foi mais diretamente servida no seu preparo pelo Seminário que, em Pernambuco fundou Azeredo Coutinho*”. Apud BARATTA, cônego José do Carmo. Escola de heróis: o Colégio de N. S. das Graças o Seminário de Olinda. 2.ed. Recife:1972, p. 58.

aos seminários Companhia de Jesus, pois aquele “já não era o jesuítico, com seu ensino excessivamente retórico, literário e religioso”; e, o segundo,

Para expressar o julgamento de que, em Olinda, se implantara “o melhor colégio de instrução secundária no Brasil”. Reitera o último julgamento a assertiva de um viajante, que, em 1808, segundo Geraldo Bastos Silva⁵, teria afirmado ser o Seminário “talvez o melhor que temos no Brasil, não pelo edifício (...) mas pela polícia e economia não só no que respeita à educação ingênua e liberal, mas principalmente à educação científica”. José Antonio Tobias, igualmente, recoloca algumas impressões de Oliveira Lima, citando Gilberto Freyre, com base na obra de Fernando Azevedo. Primitivo Moacyr inseriu, em sua obra, textos das pesquisas compendiadas, repetindo e reforçando as idéias extraídas daquelas fontes. Necessariamente, como decorrência, as citações ligam e homogeneizam os citadores e citados, de tal forma que em nada avançam os conteúdos das obras, anteriormente citadas.

Finalmente, à exceção de Geraldo Bastos Silva, todos os demais autores estabelecem relações entre o Seminário de Olinda e movimentos e idéias, difundidas em seu tempo. Maria Luisa Santos Ribeiro faz a vinculação indireta da escola com as reformas pombalinas da instrução pública, ao afirmar que sua concepção “pretendia seguir o modelo do Colégio dos Nobres criado em Lisboa em 1761”. Essa intenção não teria chegado a se concretizar, porém. José Antonio Tobias reforça essa interpretação, mas vai além. A criação de Azevedo Coutinho seria um “fruto remoto do ‘Colégio dos Nobres’” e teria “pregado” e “espalhado”, também, a “filosofia de Descartes, as idéias liberais e os ideais republicanos e democráticos do século XVIII. Para Valnir Chagas, o Seminário de Olinda teria sido uma das formas de manifestação do

⁵ Segundo SILVA, esses fatos foram relatados, originalmente, pelo cronista Pereira da Costa nos Anais Pernambucanos: “O Seminário, escreveu um viajante ilustre que o visitou em 1808, é talvez o melhor que temos no Brasil, não pelo edifício, que, todavia, está reedificado, e tem uma cerca, mas pela política e economia não só no que respeita à educação ingênua e liberal, mas principalmente à educação científica ...Não há número certo de pensionistas, e cada um paga anualmente 100\$000. Além de aulas de belas-artes, tem ainda as de todas as ciências que podem formar um bom cidadão e um eclesiástico instruído; os seus professores se fazem dignos do conceito público de que gozam pelos seus abalizados conhecimentos e o reitor é um homem sábio, vigilante, e incansável”.

Iluminismo no Brasil. Nesse sentido, seria mais expressivo do que as aulas régias e o Seminário do Convento de Santo Antonio, educandário franciscano localizado no Rio de Janeiro, pois somente ele teria produzido uma ruptura em relação à “tradição deixada pela Companhia”, abrindo, dessa forma, “a primeira fenda por onde enfim penetrariam no Brasil as idéias iluministas”.

As reformas pombalinas, “híbrido de classicismo e modernismo”, teriam sido o canal veiculador dessas idéias, assim como foram, em Portugal, expressão de movimentos convergentes que convulsionavam a Europa. Valnir Chagas faz referências especiais ao “iluminismo católico-maçônico e pedagógico”, ao enciclopedismo, ao liberalismo, ao despotismo esclarecido e à reação antijesuítica. Fernando de Azevedo vê o Seminário de Olinda como uma das manifestações das reformas pombalinas da instrução no Brasil. As duas outras não referidas por qualquer outro compendiador, teriam sido “Projeto de organização do ensino de Garção Stocler” e a “primitiva organização do Colégio Pedro II (1837-1838)”. Fernando de Azevedo associa, também, as reformas pombalinas às “teorias dos enciclopedistas” e às “novas tendências liberais e democráticas”.

Mesmo constituindo um painel de caráter impressionista, as descrições e transcrições apresentadas resumem, do ponto de vista do conteúdo, as características mais marcantes das obras pesquisadas.

Bibliografia

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da instrução pública no Brasil (1500 – 1899)*. São Paulo, PUC/Brasília, INEP, 1989, 365 p. (Memórias da Educação Brasileira)

ALVES, Gilberto Luiz. *O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda: 1800 – 1836*. Ibitinga, São Paulo: Humanidades, 1993.

AZEVEDO, Fernando de. “A transmissão da cultura”. In: *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Brasília, INL, 1976, 268 p.

BARATTA, cônego José do Carmo. *Escola de heróis: o colégio de N.S. das Graças o Seminário de Olinda*. 2. ed. Recife: Comissão Estadual das Comemorações do Sesquicentenário da Independência, 1972, 98 p.

BERGER, Manfredo. *Educação e dependência*. São Paulo: DIFEL/ Porto Alegre: URGs, 1976, 354 p. (Corpo e Alma do Brasil, v. 45)

CHAGAS, Valnir. *Educação brasileira: o ensino de 1º. e 2º. graus – antes, agora e depois?* São Paulo: Saraiva, 1978, 386 p.

CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade temporã: da Colônia à era Vargas*. 2. ed. versão ampliada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, 339 p.

ESTATUTOS, do Seminário Episcopal de N. Senhora da Grasa da Cidade de Olinda de Parnambuco ordenados por D. Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho XII Bispo de Parnambuco do Conselho de S. Magestade Fidelissima fundador do mesmo Seminário. Lisboa, Typografia da Acad. R. das Ciências 1798, 109 p.

FÉRRER, Francisco Adegildo. “A proposta pedagógica do Bispo Azeredo Coutinho para a educação dos rapazes e raparigas no Brasil Colonial (1798-1802)”. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 109, Fortaleza, Ceará: 1995, 365- 378 p.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. *Origens da educação pública: a Instrução na revolução burguesa do século XVIII*. São Paulo: Loyola, 1981, 127 p. (Coleção “Educ – Ação”, v.3)

MOACYR, Primitivo. *A instrução e as províncias (Subsídios para a história da educação no Brasil): 1834-1899*. São Paulo: Nacional, 1936.

ORGANIZAÇÃO e Plano de Estudos da Companhia de Jesus. In: FRANÇA, pe. LEONEL. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952, 119-230 p.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, 139 p. (Coleção Educação Universitária).

SILVA, Geraldo Bastos. *A educação secundária: perspectiva histórica e teoria*. São Paulo: Nacional, 1969, 416 p. (Atualidades Pedagógicas, v. 94).

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura no Brasil Colônia*. Petrópolis: Vozes, 1981, 172 p. (História Brasileira, v. 6).

TOBIAS, José A. *História da educação brasileira*. 2. ed. São Paulo: Juriscredi, 1982.